

6661 ZED 82  
28 DEZ 1995

# Um ano novo melhor

■ Boas vendas no Natal deste ano levam equipe econômica a prever crescimento

SÉRGIO LEO E CRISTIANO ROMERO

BRASÍLIA — O crescimento moderado das vendas no fim deste ano e a redução dos estoques das empresas estão fazendo a equipe econômica acreditar que o país entrará em 1996 afastando, de uma vez por todas, o fantasma da recessão. A equipe está apostando suas fichas também numa inflação para o próximo ano em torno de 15%, portanto, abaixo até da meta oficial de 18% prevista no Orçamento Geral da União (OGU). Um dos motivos que contribuirão para esse resultado é o controle das tarifas públicas, cuja correção em 1996 será mantida abaixo da inflação.

“O que estamos vendo é que está havendo uma grande desova de estoques e que, em fevereiro, as empresas começarão a sua recomposição, reaquecendo o nível da atividade econômica”, disse o secretário adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Gesner Oliveira. A tendência de redução dos estoques, indicando que as empresas estão sendo obrigadas a pôr seus produtos no mercado, vem sendo captada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A desova das mercadorias revela que, diante dos juros altos, as empresas não estão podendo especular com os produtos. Isto tem garantido o abastecimento e preços menores.

Gesner Oliveira concorda que nem todos os analistas estão vendo

um cenário tão azul para a economia no início de 1996. Os consultores Luiz Paulo Rosenberg e Luiz Gonzaga Belluzzo, por exemplo, temem os efeitos da “insensibilidade” da equipe econômica ao insistir com a política de juros altos.

“Nossas expectativas são de uma recuperação gradual da economia”, disse o secretário. Segundo ele, a previsão de um crescimento de até 10% no consumo no fim deste ano mostrou-se exagerada. Os dados recolhidos pelo Ministério da Fazenda junto a associações comerciais e empresas de consultoria mostram que as vendas até 16 de dezembro ficaram 4% abaixo do mesmo período do ano passado. “As vendas estão compatíveis com o fim de 1993”, assinalou Gesner.

**Sem explosão** — Os técnicos do governo já constataram que, depois dessa data, houve um pequeno crescimento no consumo, mas não o suficiente para causar pressões inflacionárias. As vendas de bens duráveis (geladeiras, eletrodomésticos etc.) cresceram 10%, enquanto de semiduráveis (roupas, calçados) caíram 20%.

Apesar das expectativas positivas em relação ao comportamento da economia no início do ano, a inflação de janeiro deverá subir um pouco em relação aos últimos meses. Dentre os economistas do governo, há quem esteja apostando numa taxa em torno de 1,7%.